

A TELEVISÃO NA ESPANHA NOS TEMPOS DA TRANSIÇÃO: A MULHER E OS COMPORTAMENTOS SOCIAIS¹

Víctor Amar ²

Resumo: Trata-se de um artigo que tem a televisão como uma ferramenta de análise de uma realidade na Espanha da transição. Eram anos de grandes mudanças onde a população experimentou grandes variações em suas vidas cotidianas; desde o simples fato de assistir à tela a atender aos conteúdos televisivos. Neste sentido, a televisão dá uma importante lição magistral, já que se adianta à sensibilidade do povo e dá um grande adiantamento do que será a mulher na década próxima e dos comportamentos sociais. Um exemplo a ter em conta e achar na televisão uma fonte de documentação para reconstruir parte da história mais recente de Espanha entre os anos 70 e 80.

Palavras-chave: televisão; transição; mulher; comportamentos sociais; Espanha.

Abstract: An article that has the television as a tool to analyze a reality in Spain's transition. They were years of great change where the population has experienced large variations in their daily lives, from the simple fact of watching the screen to meet the TV content. In this sense, television provides an important lesson masterly, as it advances to the sensitivity of the people and a large advance of what will be the woman in the next decade and social behavior. An example to be taken into account and find a television source documentation to reconstruct part of the recent history of Spain between 70 and 80.

Keywords: television; transition; woman; social behavior; Spain.

*“1. Reconhecem-se e protegem os direitos:
d) A comunicar ou receber livremente informação veraz por qualquer meio de comunicação.
2. O exercício destes direitos não pode restringir-se mediante nenhum tipo de censura prévia.”*

Artigo 20 da Constituição espanhola de 1978

Introdução a uma temática fascinante

A transição espanhola foi muito celebrada pela opinião pública em geral. A maioria das nações do mundo aceitou o passo grande e profundo da jovem democracia espanhola. Durante anos Espanha foi o centro de atenção de muitos especialistas da maioria das especialidades científicas (história, sociologia, antropologia, política e, inclusive, economia ou comunicação). Neste macro contexto de continuas mudanças invadido pela política *franquista* herdeira de uma larga tradição que durava quase quarenta anos foi onde se

¹ Texto revisado por Carla Luciana Silva.

² Doutor e professor da Universidade de Cádiz, Espanha.

desenvolveu a transição espanhola. A possível democracia tinha uma olhada crível e, contudo, provável. Francisco Franco, o ditador, estava a ponto de morrer e tudo estava sendo fechado para a grande mudança. Talvez, em primeiro lugar, a figura do rei seria um dado muito importante que ficou resolvido por um pacto de estado. Depois a troca no parlamento seria imprescindível, assim como a chegada dos exilados e a legalização dos partidos de esquerda.

De um jeito aparentemente democrático a esquerda ficava pronta para ser visível e a cidadania mostrava certos comportamentos cívicos e aceitava a transformação. Neste mesmo sentido, a direita devia aceitar uma importante modificação em seu ideário político e compartia seu habitual poder com outros grupos do centro político. Não obstante, a direita espanhola ainda tinha muito que protagonizar nos anos da transição. Vejamos um pouco o círculo político da época. A direita contava com uma herança forte do passado, mais ou menos, duro; junto a um centro que se desenvolvia perto a propostas moderadas e, sobretudo, uma grande preocupação por fazer da transição um exemplo alias das grandes dificuldades; assim tudo apostava por um futuro certo e, especialmente, sensato; de longe aparecia a esquerda organizada em dois grandes blocos: os socialistas de Felipe González e os comunistas de Santiago Carrillo.

A economia, depois do *franquismo* (período com que se conheceu a ditadura de Franco) e da tremenda crise mundial, estava aferrada ao passado. A Espanha continuava dividida entre a pobreza e a riqueza, sendo uma realidade que perdurara no tempo. O sul subdesenvolvido tinha vontade de quebrar parte do passado terratenente e por isso fazia um chamamento a mudanças políticas e econômicas, porém o centro (Madrid) e o norte mais desenvolvido, com indústrias e operários reivindicavam melhoras sindicais e sociais.

Dito isto, agora com o passar do tempo e a perspectiva possível dos anos tudo parece normal. Uma alteração política quase pronta que dava a impressão de que ia ser muito normal. Morto o ditador e posto o rei (que reinava mais não governava) agora só fica dá a chance de reencontro a um povo dividido entre os que ganharam o perderam a guerra civil (1936-1939). Não obstante, uma dificuldade continuava sendo terrível para o desenvolvimento da transição: o terrorismo de ETA (grupo independentista Vasco).

Para explicar um pouco a situação política com respeito ao terrorismo, simplesmente, vamos a fazer um jogo de palavras para que o leitor e espectador de televisão possam ter uma ideia. Quer dizer, o partido político no governo foi o centrista de Adolfo Suárez; que tinha a siglas de UCD (União do Centro Democrático). Para a cidadania, talvez, a sigla UCD correspondia a *Uno Cada Dia*. Não era uma réplica a um lema publicitário da televisão da

época que convidava ao consumo do plátano das ilhas Canárias; era um reflexo da triste realidade, diária, de todas as pessoas mortas em consequência dos contínuos atentados de ETA. Portanto, a situação era terrível. Os meios de comunicação eram testemunhas dos crimes num período desolador onde, possivelmente, o rio mais longo da Espanha não seria o Tejo ou o Douro; o rio mais longo era conhecido como o *Guadalquivir*, em alusão à *Guardia Civil* espanhola que durante anos foi vítima dos ataques da ETA, de modo que os guardas civis na época muitos eram do sul (onde corre o rio Guadalquivir) passavam por Madrid e iam a morrer à região vasca. Neste sentido, a citação a seguir, dos professores Abdón Mateos y Ángel Herrarín da Universidade a Distancia, fala do valor político e social da transição.

No mesmo sentido que não se pode fazer a história da ditadura sem referir-se ao *antifranquismo* não se pode realizar uma história da transição sem ter em conta tanto as iniciativas do governo como da oposição política e social. (Mateos y Herrarín, 2006: 6-7)

Estamos ante um período da história que foi realmente fascinante e complexo pelas grandes transformações em muito pouco tempo. É difícil falar de *sociopatias*, seria melhor fazer alusão às múltiplas consequências em uma Espanha em transformação profunda, de abertura em todos os termos e ainda herdeira dos valores transmitidos pelo *franquismo*. Com o tempo desde a família até mesmo a televisão ia a mudar. Por exemplo, da velha imagem de uma família extensa unida frente à televisão, mostrada já seja através dos filmes (“La gran familia”, 1962 dirigida por Fernando Palacios, sobre a vida cotidiana duma grande família em Madrid) ou pela publicidade da época como com produtos de alimentação, carros, etc. sempre mostrando a uma família unida convencional, já era superada. Em tempos da transição a família começou a conhecer uma redução em membros e a televisão iniciava seu caminhar a cores (registrando uma grande eclosão a partir da copa do mundo organizada em Espanha).

Nestas linhas temos tentado mostrar uma fotografia, sempre em movimento, da realidade de Espanha na época (1975, morte de Franco – 1985, já o partido socialista (PSOE) de Felipe González no poder). Dez anos de luta democrática e de contradições, mas sempre mostrando uma sociedade em continua construção. Um povo disposto com as mudanças e que tinha a capacidade de melhorar. Uns políticos que, às vezes, olham para o futuro e umas mídias que lutavam através das letras, imagens e as palavras para fazer prevalecer a suas verdades num país dividido entre a direita e a esquerda. Uma introdução a uma temática fascinante onde a televisão na Espanha nos tempos da transição foi um atuante; e onde a mulher e os comportamentos sociais serão referentes imprescindíveis para entendê-la.

O papel da televisão

Além do dito na epígrafe anterior, com a intenção de apresentar o tema, a televisão também teve muito que dizer neste assunto, já que foi um “método” de ensino do mais sofisticado que existiu neste período da história. Quer dizer, foi testemunha dos acontecimentos mais importantes, assim como dos mais insignificantes. Olhar para a televisão tinha um duplo significado: a primeira como entretenimento gratificante nos compridos dias de política intensa, onde assistir a telinha era um exercício para quebrar a rotina completa de tensões laborais, sociais e de qualquer outra índole. Ademais, em segundo lugar, a televisão era um espaço por onde olhar para a realidade existente no país. Talvez, a singularidade passaria por ter uma televisão única pertencente ao estado, e pouca crítica aos acontecimentos políticos, sociais e econômicos da época. A televisão era uma máquina de informação contínua a serviço do estado que iniciava a ter entre os expectadores uma faixa de pessoas críticas com as notícias e reportagem que nela se emitiam.

O consumo de emoções resulta, igualmente, um exercício muito complicado, já que a televisão não era de todo plural. A caixa tonta (*La caja tonta*), como se conhecia na época à televisão passava a ter outras conotações pois estava sendo controlado pelos grupos no governo. Não tinha o mais mínimo de tonta ou atordoada. Era um instrumento sedutor cheio de interesses que outorgavam ao espectador a visão de uns acontecimentos sejam olhando para a causa e a sua conseqüência, assim como dando informação do desenvolvimento de alguns dados. O consumo de emoções se mostrava com um duplo sentido: coincidindo com a capacidade de sedução que tinham as imagens e em relação com a capacidade de interpretação que das imagens poderia ter o espectador. Neste sentido, o professor catalão, Joan Ferrer, afirma sobre o consumo de emoções:

O consumo de emoções resulta assim, gratificador porque é satisfatório desde distintos pontos de vista. Desde o ponto de vista sensorial, já que alimenta aos sentidos; desde o ponto de vista mental, já que alimenta a fantasia; desde o ponto de vista estético, já que alimenta a sensibilidade; e desde o ponto de vista psíquico, já que tem catarse, de liberador. Vivendo de maneira simples a vida de outros se pretende que a vida própria seja mais confortável: porque se conseguiu fugir dos próprios problemas mediante a evasão ou porque se conseguiu exorcizá-los mediante a catarse. (Ferrer, 1997: 49-50)

A televisão espanhola seja em seus dois canais (TVE, desde 10 de junho de 1948, e TVE 2 também conhecida como UHF que começou a emitir o 15 de novembro de 1966) tinha

uma forte tradição de televisão de serviço público mais ao lado do governo. Era camaleônica e sabia mudar de registro para satisfazer à opinião pública cada vez mais exigente, crítica e politizada. Estamos diante de um recurso de comunicação social que chegava a toda a população e tinha a possibilidade de emitir programas políticos (debate, entrevista, reportagem), divertimento tanto para um público infantil como adulto, programação esportiva, assim como informativos em diversos horários. Então, poderíamos fazer uma pergunta: Existia na época uma televisão pública na Espanha da transição? É fácil dar uma única resposta. Quer dizer, já que é impossível admitir uma televisão plural se só existe um canal estatal; contudo, a televisão única e exclusiva era a que assistia à maioria dos espectadores. Na Espanha estávamos ainda longe da Europa e dos projetos de televisões europeus que segundo o catedrático Roman Gubern (1987: 356): “desde finais dos anos setenta, na Europa se viveu uma forte pressão para quebrar os monopólios televisivos e diversificar os centros de emissões”. Agora, a televisão espanhola 2 surgiu como complemento à primeira e era uma oportunidade de mostrar programas mais minoritários.

Na Espanha da transição a televisão única era uma realidade, mas experimentou uma transformação com respeito à televisão do passado *franquista*. Neste momento, de maneira devagar, a tendência era ir procurando um modelo de televisão pública que fosse parecida ao futuro modelo de organização do estado inspirado em autonomias que cada vez tinha mais competências sobre o território (seja Catalunha, Galícia, Vascongadas, Andaluzia, etc.).

Grosso modo, o setor audiovisual na Espanha tinha experimentado grandes transformações desde a década dos anos 70, com respeito à técnica, com a chegada do búlgaro Valério Lazarov, quem incorporou o zoom magistralmente e fez da telinha um objeto de atração moderna superando a velha televisão do passado, estática e *unidirecional*. Também, no plano dos apresentadores a chegada de italianos fez, igualmente, outro tema de atração. Por exemplo, no universo infantil a presença de Torrebruno introduz dinamismo com suas canções e conversas diretas à câmara, olhando aos mais jovens; e no mundo dos adultos, Raffaella Carrá, chega com uma dinâmica nova de movimentos, coreografia e gestos insinuantes que quebram o sentir pretérito do grande público espanhol pouco acostumado às mudanças éticos e estéticos. A combinação tecnológica e pessoal também teve sua réplica no âmbito dos informativos já que incluíam caras conhecidas que para dar um maior realismo e proximidade às notícias falavam à câmara e davam opiniões e pontos de vista com outros convidados ou especialistas. Por exemplo, os noticiários tinham sempre um final dedicado a conhecer a previsão do tempo; neste sentido, a figura de Mariano Medina que era muito reconhecida pelas pessoas na rua havia experimentado uma grande evolução deixando os

cartazes desenhados com giz para introduzir outros mais sofisticados e fixos. A evolução na televisão espanhola era uma realidade em todos os termos e programas.

Assim televisão era uma radiografia do desenvolvimento da época. Ainda coabitavam o velho modelo de fazer televisão estática com outro emergente e moderno inspirado no dinâmico. Pouco a pouco, os fechados programas de debate iam se transformando a exceção do programa noturno de discussão político da “Clave” (na televisão espanhola) que ainda seduzia a um grande grupo de pessoas que tinham no cinema o pretexto perfeito para continuar falando de temas de atualidade. Este veterano programa de debate aberto e varietés tinha outro grande aliado na noite das terças com o título “Esta noite festa”. Neste sentido, a televisão tinha aprendido a lição que anos mais tarde Dominique Wolton (1995: 34) chamou como “de um espetáculo e uma indústria do espetáculo”; sendo este grande divertimento um espetáculo de massas de natureza comercial dependendo da tecnologia para estar a serviço de uma grande indústria do entretenimento e da instrumentalização ideológica.

Um dado quase irreparável nisso que estamos falando sobre a televisão e suas relações com o entretenimento e a instrumentalização ideológica seria assitir ao programa infantil “Havia uma vez um circo” o também conhecido como “os palhaços da tele”. Desde finais dos anos 60 tinham um espaço aos sábados pela tarde e uma audiência expectante muito grande. A garotada respondia ao cumprimento de “Como estão vocês” gritando todos juntos “Bem!”; assim fazia cada um dos “palhaços”. Em especial de Natal do ano 1969 tudo girava sobre a natividade; anos mais tarde, a meados dos 70, a natividade jogava seu papel junto a Santa Claus/ Papai Noël. Sem dúvida, Espanha estava mudando. O que era um valor pátrio como era a festa de natal na época do *franquismo* agora (no *tardofranquismo*) tinha que estar enfrentado à nova invasão do estrangeiro de tradição norte europeia. No fim de toda a invasão havia um duplo sentido: a) o preço do contato com a Europa uma vez morto o ditador e a chegada de outras culturas, já que durante o *franquismo* a Espanha ficou, praticamente, isolada; b) a presença de outra festa de consumo, quer dizer, os presentes chegam no dia de Natal além do dia dos Reis Magos, que sim tem uma grande tradição nas compras e vendas de brinquedos e outros presentes para as crianças. A velha tradição espanhola de dar presente apenas o dia dos Reis Magos (6 de janeiro) agora vai ter um parceiro o dia 25 de dezembro, data de Natal.

O eletrodoméstico mais doméstico do que poderia existir no lar, pouco a pouco se ia tornando em uma ferramenta para o controle e a entrada desmesurada da publicidade que invadia tudo sendo, às vezes, qualquer programa um pretexto para dar passagem aos

comerciais. A ideologização caminhava de mão com a televisão. Com interesse ia penetrando nas casas dos espanhóis de classe média que compravam a telinha e a colocavam no lugar melhor do lar. A sala de jantar era o lugar exato para ver a televisão. Os pais poderiam ver e controlar o que seus filhos estavam assistindo e a crença era que tudo era emitido para um grande público sem ter outra preocupação. As coisas estavam mudando e a televisão não podia ficar longe.

Contudo, a televisão criava sua própria realidade, com muitas intenções a favor dos organismos do governo, mas estamos diante de uma janela aberta ao mundo que ilumina com só uma olhada para uma realidade vizinha e, também, a outras mais longínquas. Estamos diante de uma televisão sobre-dimensionada através da qual se percebe uma realidade, não o real. Graça à telinha entendia-se a mundo; aliás, tal como afirma o coetâneo Piemme (1980: 120) “a televisão transforma a realidade em espetáculo”. E nesse espetáculo a mulher e os comportamentos sociais, às vezes, vão juntos na televisão.

A mulher e os comportamentos sociais na televisão

É muito difícil escrever sobre a mulher e os comportamentos sociais na televisão na época da transição espanhola. Foi tempo de grandes mudanças e algumas muito rápidas. No passado a mulher estava mais relacionada ao lar e suas funções domésticas. Inclusive, nos tempos do *franquismo* a publicidade era um reflexo deste comportamento da mulher que se mostrava preocupado por questões de limpeza e alimentação dos seus (filhos, marido, etc.). Era uma espécie de proposta de mulher arraigada à tradição cuidadosa da família. Assim tinha reconhecimento social e sua vida estava envolvida na rotina da casa. Igualmente, apenas trabalhava ou não fora dos labores próprios do domicílio e seu marido era o que habitualmente trazia o dinheiro, já que era o único que trabalhava fora da morada. Ainda ficava um pouco longe o duplo labor fora e dentro do lar. Mas começava a luta da mulher por seus direitos numa época onde as reivindicações não podiam ser só políticas, também deveriam ser sociais. Um sonho, talvez, uma aspiração desejada pelas mulheres e homens: a igualdade. Neste sentido, a catedrática Amelia Varcárcel, da Universidade de Oviedo, escreveu sobre o conceito de igualdade:

A igualdade, além de um dos valores comumente admitidos, é sobretudo uma suposição. E o é em um duplo sentido. Primeiro, porque todos sabem que não existe de fato e que talvez não seja fatível. Segundo, em seu sentido mais forte, porque do mesmo modo que acontece como outras idéias da

modernidade (o progresso, a solidariedade, os direitos individuais, o contrato social...) o mundo que brota de pensar-la é distinto do que existiria se não entrasse no horizonte do sabido e desejado. (Valcárcer, 1994: 1)

Duma publicidade onde a mulher estava muito absorvida, quer dizer preocupada e ocupada, por seus filhos e marido, agora é mostrada como uma pessoa capaz de levar duas responsabilidades para o frente: a doméstica e a laboral fora do lar. Assim, ainda não tinha presença nos informativos de máxima audiência mais era responsável por programas de grande acompanhamento em relação com os conteúdos; o espaço mais velho da televisão espanhola era regido por uma mulher: Rosa María Mateos. De fala sossegada de modo simples sua imagem era conhecida e reconhecida como uma pessoa de referência e, sobretudo, fidedigna e convincente. Agora o rigor informativo passava pelo ponto de vista de uma mulher.

A televisão tinha uma parte muito importante de artifício mais também era um reflexo real das mudanças e dos comportamentos sociais. A televisão não só ia produzir situações de ilusão onde o público poderia sair do dia a dia e vagar graças a sua imaginação. Quer dizer, estamos ante o que o professor andaluz, mas que mora na Catalunha, Pérez Tornero (1994: 115-116) o “ambiente televisivo” com capacidade para acercar vínculos que pertencem a nossa imediata realidade com outras mais longes que interpretamos graças às nossas capacidades de observar e aprender.

Um discurso hipertrófico que acumula grandes doses de informação que o espectador deve saber decodificar. Uma televisão que se mostra redundante, cheia de símbolos que de forma rápida dão passo a outros símbolos e que sempre mostra uma realidade selecionada. A própria identidade da televisão se presta a uma aproximação sem precedentes, já que a tela está em nosso lar e penetra em nossas vidas sem nenhuma defesa, quando estamos descansando e procurando placidez. E este fator era consciente na televisão na época da transição na Espanha, pois introduzia mudanças, o poderia se interpretar como adiantamento na mentalidade do espanhol médio certos comportamentos sociais que tinham à mulher como atuante do processo.

Neste sentido, os exemplos poderiam ser muitos e de mais variada qualidade. Não obstante, vamos pegar um caso que resulta muito interessante para comprovar nosso propósito. O programa de televisão noturno, intitulado “Esta noite festa”, será o motivo se exame para apresentar nossas intenções de mudanças a partir da televisão. O aspecto primeiro que devemos atender é a faixa horária da noite e, no segundo término, devemos ter presente o dia selecionado, terças, para não coincidir com o futebol e assim a maioria dos espanhóis estivessem com predisposição de encontrar na telinha um divertimento e se

mostram a fim à emissão de um programa de *varietés*. Uma vez as crianças estão deitando, os pais podem procurar na televisão um divertimento ou talvez, em uma Espanha convulsa onde estão mudando os hábitos a tela seria uma maneira fácil de aceder ao entretenimento.

O programa em questão, que pode nos ajudar, era conduzido por um conhecido apresentador da época, o vasco José María Íñigo. Homem de uma grande confiança popular, era um fiel amigo do amante da televisão. José María Íñigo (2007) era conhecido como apresentador de programas musicais e de entretenimento em geral. Não obstante, o que um princípio era apresentado como um simples entretenimento virava uma exposição de situações da nova Espanha e, sobretudo, do que tentavam mostrar ao grande público televisivo. Quer dizer, um grande espaço de moda com gente fina que mostrava o melhor de seus sorrisos à câmara. Um desenvolvimento técnico (câmera, gruas, etc.) que acolhia aos convidados dando a sensação que nos estávamos também no espaço televisivo. Igualmente, o grupo de mulheres era maior que o de homens e elas iam vestidas com roupas elegantes e, aliás, com generosas vestimentas que deixavam ver partes dos seios. Um aspecto quase sem importância que a classe meio espanhola não estava muito acostumada e agora a telinha começava a insinuar uma abertura nos modos de vestir, assim como nas maneiras de olhar das mulheres que antigamente seu olhar era dissimulado e agora se faz de jeito normal; sem ser questionada ou mal vista pelos homens que agora se apresentam como parceiros na festa da noite televisada.

O espaço escolhido para a posta em cenário foi a sala de festa da capital de Espanha: Florida Park; e a idéia era que os próprios artistas que iam intervir no espetáculo poderiam convidar seus amigos e familiares, mas com o acordo de que eles só poderiam ser cumprimentados e não entrevistados. Um grande acerto, que apresentava uma imagem diferente de televisão e, sobretudo, fez uma proposta dinâmica e ágil. Inclusive, um dado a destacar seria o protagonizado o dia 15 de junho de 1977, que se celebravam as primeiras eleições políticas no estado espanhol. Na noite do escrutínio a televisão tinha disposto um centro de informação na sede do palácio de congressos e exposições de Madrid e outro na sala de festa Florida Park. Essa noite o apresentador, José María Íñigo, levou magistralmente o programa televisivo desde a sala de festa com atuações de artistas como Julio Iglesias, Manolo Escobar ou Rocio Jurado.

Em situações normais, se tratava de um programa de entretenimento, com entrevistas, musicais e números diversos, que adiantava acontecimentos da vida cotidiana. Um modo inteligente de mostrar a transformação social, neste caso com a mulher, que ia tomar impulso e mudar certos comportamentos arraigados na sociedade profunda

espanhola. A televisão foi um berço da mudança que ainda devia chegar a toda a população, mas tinha um labor muito importante e começava a ter suas conseqüências. Talvez, o que era em princípio um programa algo sem grandes pretensões estava calando na sociedade civil e a tela da televisão espanhola estava fazendo um importante trabalho de divulgar e ensinar. Uma lição magistral que poderia ser resumida em que: “Um modo de aprender um comportamento é observá-lo” (Recomendaciones de Valencia: 1997: 61).

A comunicação não verbal mostrava uma realidade de mudança. Agora o espectador tinha que advertir o caminho que se mostrava. A televisão ia adiante e era “uma maneira de ativar o conhecimento” (Amar, 2008: 127). Neste sentido, a música sempre foi uma grande aliada das intenções de abertura da mente na sociedade espanhola da transição. Por exemplo, a italiana Raffaella Carrá trazia canções muito cativantes e que tocava na sensibilidade do grande público televisivo. O caso da canção “Fiesta” mostrava a emancipação da mulher de maneira normal, dando a entender que tudo poderia seguir bem sem a presença do homem; agora a mulher ficava livre para escolher e com capacidade de continuar de novo com a sua vida. Se quebravam dependências afetivas que iam juntos com mudanças econômicas onde a mulher começava a integrar-se no trabalho. A Carrá, com uma música alegre com mensagem sobre a felicidade e as relações humanas, chegava desde a RAI (televisão italiana com uma proposta européia e inovadora) e mostrava o que a Europa ia fazendo. Espanha estava aprendendo e mostrava a realidade da mulher com vontade de conversão.

Com um tempo de emissões com êxito, o programa se foi consolidando na telinha espanhola e começou a ser visto a cores, deixando atrás uma parte da televisão em preto e branco. Gente famosa e importante que ocupava a atenção, aliás, com a possibilidade de transportar os conteúdos à América hispanofalante.

Outras mostras das mudanças na sensibilidade e comportamentos sociais da Espanha da transição poderiam ser os informativos que incluem novos rostos de mulheres em primeira pessoa: Mercedes Milá, Ángeles Caso, Rosa María Mateo ou Concha García Campoy (que tem que compartilhar espaços com homens como: Paco Lobatón, Pepe Navarro, Manuel Campo Vidal, etc.). Sem esquecer as series sobretudo “Verano azul” dirigida por Antonio Mercero, que teve uma grande sensibilidade por captar as mudanças de uma Espanha nova onde as crianças estavam ficando grandes e os valores são outros; aliás, se refletem as mudanças sociais da Espanha próspera do centro – Madrid, que vai passar as férias de verão ao sul – Andaluzia. Uma contraposição entre o centro e o sul da Espanha que ainda se perpetua e que irá cambiando pouco a pouco, mas a televisão pouco fez para propiciar esta mudança e contribuiu muito pouco a favorecer uma visão real do sul da Espanha. Ainda era

apresentada como um lugar sossegado, onde nunca passa nada e onde a vida se desenvolve devagar, cheia de pessoas agradáveis sem grandes responsabilidades e servis. O que em cinema se chamava andaluzada em comparação à espanhola, nos pode dar algumas similitudes, sempre acompanhando ao professor sevilhano, agora em Madrid, Jorge Urrutia (1980: 28):

[...] se cria um gênero cinematográfico que nunca chegou a dar um filme de qualidade: a andaluzada. [...] determinada visão de Andaluzia vira em símbolo de Espanha toda.

É a Andaluzia de pandeiros e castanholas, da dança e do canto, do *senhorito* calavera e do bacana e do trabalhador do campo respeitoso, alegre e resignado, da senhora distante mas caritativa e a jovem humilde mas encantadora. Também a Andaluzia é um modelo de mundo que é bem feito e cristã. Esta Andaluzia é a que se quer para toda Espanha e está será a imagem exportável.

Foram anos de importantes transformações que olhavam ao futuro com esperanças de melhoras onde a televisão ainda tinha muito que ensinar. A mulher de maneira calada oferecia grandes lições em relação aos novos valores e comportamentos sociais na Espanha do último terço do século XX e preparava o caminho para o novo milênio.

Algumas idéias finais

A transição está proporcionando muitos pontos de vista e está oferecendo dados de grande interesse. Este fornecido pela experiência da televisão só é uma pequena aproximação, já que ainda ficam outros grandes enfoques para prosseguir conhecendo a história contemporânea de Espanha. A mulher e os comportamentos sociais tem sido um pretexto para abordar uma realidade complexa e implexa. O grande referente da televisão nos tempos da transição é um motivo a modo de grande contexto para pesquisar e ter nas imagens um texto de análise. Quer dizer, temos o pretexto, o contexto e o texto, mas ainda falta a atitude do espectador por saber, que a transição interfere a política como um assunto imprescindível e a televisão como um agente dependente das mudanças e intenções do momento.

Estamos diante das coordenadas de mudanças sociais muitos importantes, desde a aparição de uma mulher trabalhadora a mudanças sociais sem precedentes na Espanha atual. Atrás ficava o *franquismo* e tudo o que significou de omissão de certos setores sociais que

tiveram que recuperar o tempo passado. O olhar estava centrado na participação que cada vez seria maior por parte da mulher. Neste sentido a televisão não só foi testemunha dos fatos, seu interesse estava centrado em balançá-los. A televisão tentava de mostrar uma mulher contemporânea e trabalhadora, que sempre olhava para o futuro em contínua transformação.

Não temos tentado oferecer conclusões ao respeito da possível pergunta do historiador Federico Ysart (1984) no livro *Quem fez a mudança*; o ter presente a questão feita por Joe Foweraker (1990) sobre *Os verdadeiros artífices da democracia em Espanha*. Nossa contribuição está centrada em entender à televisão como uma parte da mudança para a democracia. Uma olhada aos dois cantos da câmara. Quer dizer, para a frente onde o espetáculo tinha sentido e para trás da câmara, na tela do espectador, onde este dá sentido ao espetáculo.

Contudo, a televisão é para nós algo mais que uma janela. É como uma grande vidraça que deixa passar a luz num duplo sentido. Olhar sobre ela é todo um exercício de lucidez que dá mais que informação, é comunicação, nesta ocasião sobre e para a transição espanhola. Essa contribuição foi um exercício que pretendeu ilustrar uma época repleta de acontecimentos políticos que tiveram sua repercussão também no âmbito da televisão. Contudo, uma idéia final seria que tomara seja possível entender à televisão como uma fonte para a história e para a compreensão dos episódios dos anos 70 e 80.

Referências Bibliográficas

AMAR, Víctor. **Tecnologías de la información y la comunicación, sociedad y educación**. Madrid, Tébar, 2008.

FERRES, Joan. “De la emoción por el consumo al consumo de emociones. Televisión, consumo y emociones”. In: AGUADED, I. (Dir.). **La otra mirada a la tele**. Sevilla, Junta de Andalucía, p. 47-55, 1997.

FOWERAKER, Joe. **La democracia española. Los verdaderos artificios de la democracia en España**. Madrid, Arias Montano, 1990.

GUBER, Román. **La mirada opulenta. Exploración de la iconosfera contemporánea**. Barcelona, Gili, 1987.

ÍÑIGO, José María. **La tele que yo he vivido**. Madrid, Dolmen Books, 2007.

PÉREZ TORNERO, José Manuel. **El desafío educativo de la televisión. Para comprender y usar el medio**. Barcelona, Paidós, 1994.

PIEMME, Jean-Marie. **La televisión un medio en cuestión**. Barcelona, Fontanella, 1980.

MATEOS, Abdón y HERRARÍN, Ángel. “Introducción. La interpretación del final del franquismo”. In: MATEOS, Abdón y HERRARÍN, Ángel (Eds.). **La España del presente: de la dictadura a la democracia**. Madrid, Asociación de Historiadores del Presente, 2006.

RECOMENDACIONES DE VALENCIA. **Violencia y medios de comunicación**. Valencia, Generalitat Valenciana, 1997.

WOLTON, Dominique. **Elogio del gran público. Una teoría crítica de la televisión**. Barcelona, Gedisa, 1995.

URRUTIA, Jorge. **Imago Litterae: cine, literatura**. Sevilla, Alfar, 1984.

VALCÁRCEL, Amelia. “Igualdad, idea regulativa”. In: VALCÁRCEL, Amelia (Comp.). **El concepto de igualdad**. Madrid, Pablo Iglesias, p. 1-15, 1994.

YSART, Federico. **Quien hizo el cambio**. Barcelona, Argos Vergara, 1984.

Artigo recebido em 10/09/2010

Artigo aceito em 07/12/2010